



TEOLOGIA PRÁTICA: IDENTIDADE PASSADA E ATUAL¹

James Farris

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

E-mail: *teologia@uol.com.br*

¹ Este ensaio é o conjunto de palestras e discussões proferidas na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (Fateo), no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e de um encontro na Academia de Missão da Universidade de Hamburgo, na Alemanha, entre 2008 e 2010. Uma versão anterior do trecho que trata do Friedrich Schleiermacher e Hans Jürgen Habermas foi publicado no *Bangalore Theological Fórum* (v. XXXV, n. 1, 2003).

RESUMO

Este ensaio trata da história e identidade da teologia prática. A questão fundamental lida com a identidade da teologia prática em relação à teologia bíblica e sistemática. O tema central é a identidade da teologia prática em relação a essas disciplinas clássicas, ou tradicionais. A argumentação do ensaio é que a teologia prática tem sua própria identidade nos sentidos históricos e modernos.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia prática; tradição; disciplinas; relação bíblica; teologia sistemática.

1. INTRODUÇÃO

Palavras têm poder. As palavras que usamos formam nossas ideias, imagens e entendimentos do mundo. Palavras como “prática”, “teologia” e “desafio” são amplas e complexas. O que significa “prático”? O que significa “teologia”? O que é “teologia prática”? Quais são os “desafios do século XXI”? Essas são as perguntas que serão aprofundadas neste trabalho. Não há nenhuma resposta definitiva para essas perguntas. Porém, é possível apresentar uma parte da história e do estado

atual da teologia prática, e como esta pode contribuir para lidar com os desafios com os quais nos confrontamos.

Para entender uma pessoa, família, instituição, tradição ou ideia, é necessário entender seu desenvolvimento, seu contexto atual e sua visão, ou esperança para o futuro. Tudo o que existe tem uma história. Tudo existe em um contexto vivo. Todas as coisas vivas se orientam para o futuro. Até mesmo uma pedra tem um passado, um presente e um futuro. O passado é sua história geológica. O presente é seu lugar atual no mundo. O futuro é o que pode acontecer, considerando o passado e o presente.

As pessoas, instituições e ideias são muito mais complexas do que pedras. Elas são, em diversos sentidos, vivas ou conscientes. Elas crescem e mudam. Liberdade e escolha são possíveis. Por isso, a história de uma pessoa, instituição ou ideia pode ser contada só dentro de seu contexto.

O propósito deste trabalho é resumir a história e o estado atual da teologia prática e apresentar suas contribuições para enfrentar os desafios do século vindouro. Para fazermos isso, precisamos entender o que é teologia prática, avaliar seu estado presente e examinar alguns dos desafios com os quais nos confrontamos hoje e no futuro. Não se trata de uma discussão puramente acadêmica ou abstrata. Devido à sua natureza, a teologia prática trata de experiências vividas que incluem realidades pessoais, nacionais e globais.

A teologia prática reconhece que a teoria e a prática são entrelaçadas e envolvem as pessoas e ideias que estão em evolução constante. Por isso, a discussão presente é mais que um exercício abstrato de reflexão histórica ou metodológica. A teologia prática busca responder a uma pergunta eterna: “Como deveríamos viver e por que devemos viver dessa maneira?”. São as respostas da teologia prática a essa pergunta complexa que serão examinadas neste trabalho.

2. A TEOLOGIA PODE SER PRÁTICA?

A teologia prática é um campo de estudo não muito compreendido. Essa falta de entendimento tem muitos níveis.

Os dois níveis que serão examinados neste trabalho são: 1. as dúvidas culturais sobre o lugar e a função da teologia, em geral, e da teologia prática, especificamente; e 2. a falta de clareza dentro da disciplina da teologia em termos do lugar e da função da teologia prática.

Culturalmente, há considerável dúvida sobre a palavra “teologia” e a tarefa teológica. A teologia é chamada “superstição sistematicamente articulada” por algumas pessoas nas “ciências exatas” (BROWNING, 1991, p. 4). Dentro de certas partes da cultura moderna, a teologia é vista frequentemente como algo que pertence ao passado. Não pertence ao mundo da “ciência”. É um mistério que às vezes é posto na mesma categoria como a alquimia ou a astrologia. Quando a palavra “prático” é acrescentada ao termo “teologia”, o efeito é algo como “alquimia prática” ou “astrologia prática”. Na pior das hipóteses, na cultura moderna ou pós-moderna, a teologia prática é compreendida como “superstição sistematicamente articulada que é prática”.

A cultura neoliberal que influencia a visão do mundo dominante é altamente instrumental. A atitude fundamental por trás dessa atitude econômico-cultural-filosófica é focalizada em resolver problemas. Por isso, qualquer disciplina que não tem interesse na eficiência, na solução de “problemas práticos” ou no lucro é desvalorizada. A teologia, de uma perspectiva neoliberal, não é funcional. Nessa perspectiva, a teologia prática é vista como uma contradição total. A cultura neoliberal faz a pergunta: “Uma disciplina pode ser prática sem ser instrumental?”. A resposta é, quase sempre, “não”. Prático, nesse contexto, significa eficiente como definido pelo mercado global.

Pessoas mais abertas à ideia de teologia são frequentemente céticas sobre como ela pode ser prática. Esse ceticismo vem de um entendimento racionalista ou positivista do mundo. A teologia escolástica, com sua ênfase no conhecimento racional e dedutivo de Deus, baseado em princípios inquestionáveis, também contribuiu para o estereótipo da teologia como abstrata e teórica. Enquanto os modelos escolásticos da teologia foram, na maior parte, rejeitados, a imagem da teologia como especulação infundada continua sendo influente na cultura moderna. Isso ocorre, em parte, devido à presença e ao poder de sistemas religiosos metafísicos, fundados na filosofia

de Hegel, que dominaram a Europa e a América do Norte até a virada do século.

Pessoas dentro de tradições religiosas têm reações semelhantes. A teologia é frequentemente vista como algo feita por pastores ou professores que ensinam em escolas de teologia. A disciplina teologia é vista frequentemente como “algo” abstrato e teórico “feito” por outras pessoas, normalmente um grupo de elite. A teologia prática é uma disciplina teológica que é quase desconhecida na igreja local. Na melhor das hipóteses, as pessoas, em igrejas locais, quando ouvem a expressão “teologia prática”, pensam na educação cristã ou no aconselhamento pastoral. Nesse sentido, a teologia prática é limitada às disciplinas ministeriais.

Na academia, ou no mundo acadêmico, uma crítica fundamental à teologia tem a ver com ideias da verdade. Nas filosofias racionalistas ou positivistas, há a convicção explícita de que a única verdade existente é aquela que pode ser observada, demonstrada ou, de alguma maneira, provada. Alguns entendimentos da “ciência” também criam a impressão de que a única verdade é aquela que pode ser observada, testada e reproduzida. Quando esse entendimento da verdade encontra declarações teológicas sobre a verdade da mensagem cristã, os conflitos são inevitáveis.

Desenvolvimentos recentes na filosofia, teologia e linguística estão, no entanto, se movendo na direção de entendimentos mais diversificados e contextuais da verdade. Jürgen Habermas (1979) usa a expressão *validity claims* para discutir questões da verdade. Sua ideia central é que as ideologias subjacentes devem ser identificadas e criticadas. Essa crítica da ideologia baseia-se em uma teoria de comunicação sem distorção, que avalia como as declarações são validadas. Habermas (1979) acredita que toda a comunicação implica a capacidade para dar razões ou defender a validade de declarações. Ele acredita que toda a comunicação requer afirmações sobre a compreensão (percepção de fatos), verdade (coerência cognitiva), veracidade (coerência moral) e retidão (autenticidade pessoal) de declarações:

Comunicar bem no apoio desses quatro tipos de afirmação [...] requer a habilidade de avançar razões para nossas ações que fazem sentido até mesmo às pessoas que não compartilham nossas pressuposições (BROWNING, 1991, p. 4).

Habermas (1979) está tentando evitar os extremos da ideologia e do relativismo. Isso reflete a percepção da teologia moderna de que:

A verdade da mensagem cristã, ou das narrativas de qualquer religião, nunca pode ser demonstrada por qualquer evidência externa. A única reivindicação de verdade é “categórica”. Esta não é verdade ontológica ou fundamental, que corresponde à realidade, ou verdade simbólica que dá expressão a uma experiência profunda e permanente. É verdade que tem tal coerência interna que “torna declarações significativas possíveis” sobre o que é considerado “o mais importante” (BROWNING, 1991, p. 44).

A maioria dos teólogos modernos não aceita a teologia como um processo dedutivo que começa ou termina com princípios ou verdades inquestionáveis. A maioria também rejeita o modelo teológico que começa com a teoria e termina com a prática. O modelo teológico “teoria-prática” parece ser baseado em entendimentos limitados do método científico. O método científico, ou a lógica indutiva, dominou a cultura ocidental durante os últimos quinhentos anos. Tornou-se, implicitamente, a medida para definir a verdade. Por causa disso, não só as ciências naturais seguiram esses métodos ou essas filosofias, mas também as ciências culturais e morais o fizeram. Como uma generalização, esse grupo de métodos usa o modelo de “teoria à prática” e acredita na possibilidade de estudar uma coisa em si mesma. A norma é a objetividade científica, e a separação do investigador do que é estudado é a norma.

Esse modelo recebeu diversas críticas nos últimos cem anos. A disciplina que inicialmente desafiou essa visão do mundo é a filosofia prática. Uma figura central nesse campo é Hans-Georg Gadamer, um filósofo alemão contemporâneo na tradição de Martin Heidegger, Edmund Husserl e Friedrich Schleiermacher. Esses filósofos tentaram redefinir a relação entre as ciências culturais, *Geisteswissenschaften*, e as ciências naturais, *Naturwissenschaften*. Gadamer pertence a um grupo recente de pensadores que tentam entender a base filosófica de disciplinas como a história, a filosofia, a psicologia e a sociologia (BROWNING, 1991, p. 37). Essas disciplinas estudam o significado da ação humana. A pergunta central é: “Como podemos distinguir essas disciplinas das ciências naturais de, por

exemplo, química e física?”. As ciências naturais estudam objetos no mundo natural, em vez das ações de seres relativamente livres e intencionais. Quais são as diferenças?

A ideia central desenvolvida por Gadamer (1989) é que as disciplinas, ou ciências culturais, estão fundadas na estrutura fundamental do entendimento humano, e a característica central do entendimento humano é o diálogo. Gadamer (1989), semelhante a Heidegger, acredita que o tipo de objetividade ou distância requerida, teoricamente, pelas ciências naturais é impossível. Entender é um diálogo ou uma conversação, em que usamos nossas perspectivas, preconceitos e convicções. Em contraste às abordagens tradicionais em que temos que remover nossos preconceitos ou julgamentos, precisamos usá-los de uma maneira positiva. Na linguagem de Gadamer (1989, p. 238), entendemos a realidade em relação aos nossos *fore-concepts*. Isso não significa que nossos *fore-concepts* deveriam dominar nosso entendimento da realidade. Aprendemos ou entendemos contrastando, positivamente, o que já “sabemos” ou aquilo em que “acreditamos” com o que estamos experimentando: “Aplicação não é nem um subseqüente nem uma parte meramente ocasional do fenômeno de entender, mas codetermina-o como um todo desde o começo” (GADAMER, 1989, p. 289).

Em outras palavras, entender é uma conversação moral ou um diálogo, o que é influenciado, constantemente, por preocupações práticas e convicções presentes que são uma parte integral da experiência presente. Entender, ou hermenêutica, é um processo moral e prático que emerge de dentro da experiência vivida. Os atos de entender, interpretar e aplicar não são distintos. Eles estão intimamente relacionados. A prática é interligada com a teoria. Elas se desenvolvem juntas e estão relacionadas interiormente. A implicação central dessa ideia é que qualquer modelo baseado na teoria-prática é inadequado. Implícito nessa visão está um modelo de prática-teoria-prática de entendimento humano.

Hoje, a teologia é crescentemente compreendida como a reflexão sistemática do autoentendimento histórico de uma tradição religiosa específica. A ênfase na reflexão sistemática e crítica deixa a teologia acadêmica menos abstrata, dedutiva e racionalista. Porém, a mudança mais fundamental da teologia é o movimento na direção de modelos teológicos que integram

a teoria e a prática, ou que não vejam o método teológico começando com a teoria abstrata e, só depois, movendo-se na direção da prática. Esse modelo teológico está presente em pensadores tão diversos quanto Paul Tillich, Johann Metz Batista, Jose Miguez Bonino, Rosemary Radford Ruether e Leonardo Boff.

O teólogo mais recente, e dominante, que usa o modelo teoria-prática é Karl Barth (1979, p. 47-70), que viu a teologia como a interpretação sistemática da autorrevelação de Deus para a Igreja cristã.

Nessa perspectiva, não há nenhum lugar para o entendimento, a ação ou a prática de humanos na construção da autorrevelação de Deus. A teologia é prática só no sentido de aplicar a revelação de Deus da maneira mais perfeita possível.

Esse modelo vai da revelação para a aplicação, teoria-prática. A ética é central, e isso tem o efeito de, pelo menos nas mentes de muitas pessoas, reduzir a religião à ética e moralidade.

Em contraste, Paul Tillich (2000) desenvolveu o que ele chama de uma teologia de correlação. Barth (1979) entrou com a convicção explícita de que é possível fazer a teologia só escutando as narrativas teológicas. Nesse caso, esse autor refere-se ao testemunho bíblico. Tillich (2000) acreditava que teologia é uma correlação entre perguntas existenciais que emergem da experiência cultural e respostas que vêm da mensagem cristã. Em outras palavras, as perguntas fundamentais da existência humana são respondidas pela mensagem cristã. O mundo levanta as perguntas, e a mensagem cristã, como a interpretação da autorrevelação de Deus, provê as respostas. Em vez de começar com a revelação e partir para a experiência, da teoria para a prática, a teologia começa com a experiência e gera a teoria. Diversas teologias da libertação usam essa metodologia básica. Elas começam com uma análise da condição humana e constroem a teologia de baixo para cima.

A modificação mais recente desse modelo é a teologia da correlação que vê a teologia como um diálogo mutuamente crítico entre interpretações da mensagem cristã e interpretações de experiências culturais contemporâneas. Em outras palavras, a teologia cristã é um diálogo crítico entre as perguntas implícitas e as respostas explícitas dos clássicos do cristianismo e as perguntas explícitas e as respostas implícitas de experiências

culturais contemporâneas. Em vez de a cultura moderna levantar as perguntas e a teologia prover as respostas, Tracy reconhece que a cultura e a teologia fazem perguntas e oferecem respostas. Isso exige um diálogo crítico entre a cultura, ou a experiência, e a teologia. Nessa perspectiva, um modelo teoria-prática é inadequado. A teologia tem que começar com a experiência humana, refletir nessa experiência, construir a teoria e voltar à experiência humana. Esse círculo hermenêutico é fundamental a toda a teologia. Essa perspectiva reflete o entendimento de que toda a vida e a verdade humana são contextuais. Não é possível, como na teologia de Karl Barth (1979), só escutar as narrativas bíblicas. As histórias, os mitos, as tradições e os clássicos de uma tradição religiosa têm que entrar em um diálogo ativo e crítico com a experiência humana.

Os teólogos, e todas as pessoas dentro de uma tradição religiosa, não vêm a Deus como recipientes vazios que esperam ser cheios. Vimos a Deus através, ou dentro, de nossas próprias experiências pessoais e culturais. Não chegamos a Deus como recipientes passivos que devem ser preenchidos, mas como pessoas e comunidades para as quais ativamente construímos um significado. Don Browning (1987, p. 6) usa a expressão “teoria-carregada” para descrever como toda a vida é saturada com a teoria e a prática. Não é possível separar uma da outra.

Nesse sentido, toda a teologia é prática porque refletimos no autoentendimento histórico de uma tradição religiosa específica como um meio de construir significado dentro de uma situação concreta. Refletimos em nossos mitos, símbolos e histórias, não como verdades absolutas ou contos de fadas socialmente construídos, mas como modos de receber, interpretar e aplicar a revelação de Deus no meio da vida. Também não refletimos em nossa experiência vivida como o limite e a definição da realidade, mas dentro de uma consciência da existência e do poder do sagrado.

Até esta altura, a discussão tem focalizado tendências modernas na teologia. Para entender o lugar da teologia prática, é necessário também explorar sua história como uma disciplina teológica. A teologia é dividida, atualmente, em diversas categorias que variam entre tradições religiosas e escolas de pensamento. As categorias mais comuns são: histórica ou fundamental, sistemática e prática.

A teologia histórica pergunta: “O que dizem os textos cristãos normativos para nós hoje?”. As disciplinas tradicionais dos estudos bíblicos, da história da Igreja e da história do pensamento cristão abordam essa pergunta básica.

A teologia sistemática é a exploração da relação entre as práticas contemporâneas e aquelas achadas nos textos cristãos normativos. Essa teologia levanta duas perguntas básicas:

- Que significado novo surge quando práticas e perguntas presentes são colocadas em diálogo com a testemunha cristã central?
- Que razões podem ser articuladas para apoiar esses novos significados?

A teologia prática foi tradicionalmente entendida como a aplicação da teologia gerada pela teologia sistemática. A teologia prática levanta a seguinte pergunta: “Como podem as perspectivas das teologias histórica e sistemática serem aplicadas à vida da Igreja?”. Por isso, a teologia prática tem incluído, pelo menos na história recente, a educação cristã, a liturgia, o aconselhamento pastoral, a missão e outras “disciplinas práticas” ou “aplicadas”.

O uso moderno da expressão “teologia prática” e as divisões das disciplinas teológicas foram sugeridos por Friedrich Schleiermacher (1999). Essa divisão de disciplinas teológicas estava baseada na sua preocupação com a organização do conhecimento e com o que ele chamou de “as afecções religiosas”. O que é de importância é que Schleiermacher (1999) estava tentando organizar o conhecimento teológico ao redor da experiência humana ou baseado nela. Ele viu a teologia prática como a “rainha das ciências” ou a “coroa de estudos teológicos”, no sentido de ser a prática, ou a aplicação, do conhecimento teológico. A teologia prática não produziu a teologia, ela aplicou o que havia sido desenvolvido pelas teologias histórica e sistemática. Em Schleiermacher (1999), os estudos teológicos podem ser entendidos como uma árvore. A teologia histórica é as raízes. A teologia sistemática é o tronco e os galhos. A teologia prática é as folhas, ou a coroa, da árvore. Porém, Schleiermacher (1999) não viu a árvore como um organismo vivo em que todas as partes contribuíram para sua energia de vida. Para ele, só as raízes, a teologia histórica, deram a vida à árvore. Até recentemente, essa visão geral das

disciplinas teológicas dominou as relações entre as diversas escolas de teologia.

Essas divisões da teologia são relativamente recentes. Uma das convicções iniciais da Igreja primitiva era que as vidas dos crentes deveriam ser orientadas por uma visão básica do mundo (BROWNING, 1991). Esse conceito está relacionado com a ideia de Paulo de ter a mente de Cristo e criar os frutos do Espírito. Isso não só envolveu a aceitação intelectual da fé cristã, mas também a experiência emocional e o comportamento certo. Essa visão do mundo não existia em indivíduos, ou não era implantada na hora da conversão; uma das tarefas centrais da Igreja era formar essas convicções, esses sentimentos e comportamentos. Por isso, foi prestada grande atenção a tais coisas, como hinos, liturgias, manuais espirituais de disciplina e material educacional (MADDOX, 1990, p. 655). Esses assuntos práticos iniciais geraram debate em termos de como formar a mente de Cristo nos crentes, bem como a suficiência do material educacional, e como essa visão do mundo, a mente de Cristo, deveria se manifestar. Consequentemente, a primeira reflexão intencional, ou sistemática, teológica na Igreja cristã tratou de assuntos práticos ou espirituais. Obviamente, isso incluiu questões de exegese, mas o problema central era prático.

Outra dimensão da discussão teológica na Igreja primitiva era os apologeticos. Como a Igreja deveria tratar de pessoas que questionam ou rejeitam convicções e práticas cristãs? Esse debate envolveu assuntos puramente filosóficos e práticos, mas o tópico central era como comunicar a mensagem do Evangelho. A visão cristã do mundo era diferente das religiões de mistério e das várias escolas de filosofia. Essas diferenças geraram debates teóricos, ou filosóficos, que eram, sem dúvida, abstratos. Entretanto, o tópico central que marcou a discussão era como comunicar o Evangelho à cultura circunvizinha. Em outras palavras, enquanto o debate teológico e filosófico era intenso, seu ponto de começo e propósito último era prático. Esse debate não foi dirigido exclusivamente aos não crentes. As mesmas perguntas levantadas por pessoas fora da fé estavam sendo apontadas por pessoas de dentro da Igreja. A pergunta de como Jesus poderia ser Deus e homem era central. Essa era uma questão abstrata e prática, ou espiritual. Por exemplo, a ideia de Jesus como logos entrou na religião cristã

como uma maneira de comunicar o ser de Jesus na linguagem neoplatônica. Essa imagem ajudou a comunicação entre a comunidade cristã e a cultura, e a formação da fé dos crentes. Tudo foi orientado, direta ou indiretamente, no entendimento da fé, ou visão do mundo cristão, a mente de Cristo, e de sua formação. A teologia era profundamente prática. Havia pouca ou nenhuma separação entre a teoria e a prática.

Embora uma generalização, os primeiros mil anos da teologia foram orientados pela práxis cristã. A teologia era uma disciplina prática. Contudo, uma divisão começou a acontecer na prática da Igreja. Dois tipos diferentes de professores começaram a aparecer. Um grupo se especializou na formação dos cristãos nas suas vidas cotidianas. Outro grupo começou a se especializar na formação da santidade em grupos pequenos de monges. No entanto, em ambos os grupos, a orientação espiritual era feita por mentores que participavam de comunidades de fé.

A especialização começou a aparecer com o desenvolvimento das escolas catedrais, que começaram a dominar a tarefa da formação espiritual. Essa especialização foi formalizada no século XIII, quando as escolas catedrais começaram a funcionar como universidades semi-independentes. Essa transição criou grupos de especialistas acadêmicos que ensinaram a teologia ou treinaram os monges. Os padres e mentores que viveram e trabalharam em comunidades locais continuaram tendo influência considerável, mas seu “ministério prático” era visto em contraste com o “trabalho acadêmico” dos professores nas universidades. A teologia crescentemente não foi vista como uma disciplina prática, mas especulativa ou teórica. A identidade e função inicial da teologia, como umas disciplinas práticas, cuja meta era guiar o desenvolvimento da mente de Cristo, estavam desaparecendo.

A distinção entre a teologia prática e a especulativa ou teórica foi formalizada por Tomás de Aquino no seu *Summa*. Tomás incluiu as preocupações da teologia monástica na última seção do *Summa*. Essa seção tratava de como responder à graça de Deus e estava preocupada com a prática. Isso estava em contraste com a preocupação central de Tomás com a convicção cristã. Na sua teologia, a convicção foi relacionada diretamente à teologia teórica ou especulativa. A prática estava situada em uma subseção chamada teologia prática. Um dos

resultados dessa estrutura era que a prática e a convicção estivessem crescentemente separadas.

Outra distinção no escolasticismo católico romano estava entre a prática do cristão ordinário e aquela de pessoas que procuram as vocações espirituais. Isso conduziu a uma subdivisão dentro da teologia prática: uma seção inicial foi dedicada a clarificar as expectativas éticas que pertencem a todos os cristãos (teologia moral); uma segunda seção (teologia espiritual) detalhou o método do elite. [...] A divisão estrutural da teologia moral e da espiritual no escolasticismo católico romano [...] deixou a teologia moral focalizada em atos, regras e casuística, com pouca consideração da necessidade para (ou meios de) formar inclinações e disposições à ação moral. Ironicamente, a reação ao catolicismo romano empurrou as teologias escolásticas protestantes na mesma direção. Sua rejeição de qualquer distinção entre o cristão comum e a elite combinou com a preocupação com o perigo de “salvação por meio de atos”, e o resultado era a separação da subseção sobre a teologia espiritual da seção sobre a teologia prática. O resultado era a identificação da teologia prática com a teologia moral (MADDOX, 1998, p. 7-8).

Começando no século XV, as universidades da Europa começaram um processo lento de especialização. Inicialmente, as universidades viram o conhecimento como um todo. A ciência é o corpo unificado de conhecimento que poderia ser estudado na perspectiva de diversas disciplinas. Porém, com o crescimento e a diversificação do conhecimento, a especialização era necessária.

A teologia acadêmica refletiu esse movimento com as subdivisões do compêndio escolástico se tornando disciplinas discretas – tipicamente: teologia bíblica, teologia histórica, teologia sistemática e teologia prática. Desde o princípio, a teologia sistemática se definiu como teologia “no sentido mais puro do termo, chamando em questão a natureza das outras disciplinas” (MADDOX, 1998, p. 9).

A teologia prática começou a ser identificada com a vida cristã. Era teologia moral. Essa tendência continuou até Friedrich Schleiermacher (1999) limitar a teologia prática às práticas pastorais de educação cristã, liturgia, missão, apoio

pastoral e outras atividades pastorais. A teologia prática se tornou a teologia pastoral. O que começou como a tarefa fundamental de formar a vida cristã, a mente de Cristo, na Igreja primitiva, tornou-se uma disciplina limitada aos aspectos técnicos do ministério pastoral de pastores.

3. A TEOLOGIA PRÁTICA HOJE

A teologia prática não é a teologia sistemática aplicada. A teologia prática é mais que a teologia moral. A teologia prática não é “sistematicamente articulada superstição que é prática”. A pergunta que será tratada nesta seção é a seguinte: “Levando em conta sua história e os desenvolvimentos recentes da filosofia prática, o que é a teologia prática?”

Como indicado na introdução, as palavras têm poder. A raiz da palavra “prática” é práxis, a ação. Porém, entendimentos modernos de “práxis” geralmente integram dois elementos: a ação e a reflexão. A teologia prática é uma teologia de ação e reflexão sobre aquela ação. Se outras disciplinas teológicas focalizam as interpretações verbais da mensagem cristã, a teologia prática é o estudo de como o Evangelho é interpretado, ou expressado, na ação. Essa ação é individual e institucional. Esse foco na ação também indica a importância central da experiência vivida, a situação contemporânea.

Nesse sentido, a teologia prática é a interpretação da mensagem cristã em ação ou a reflexão crítica sobre a mensagem. Historicamente, isso foi limitado ao trabalho do pastor ou à ação pastoral. Como já notado, a teologia prática frequentemente foi e continua sendo denominada teologia pastoral. Entretanto, a ação pastoral não se refere apenas ao trabalho do pastor. A ação pastoral é crescentemente compreendida como a ação da comunidade da Igreja ou os atos dos crentes. Nessa luz, a teologia prática é a interpretação da mensagem cristã na ação da comunidade da Igreja.

Há um problema com a palavra “ação”. Quando limitamos a teologia prática à “interpretação da mensagem Cristã na ação da comunidade da Igreja”, limitamos também nossa reflexão sobre o “fazer” em contraste com o “ser”. Isso resulta em um retorno ao estudo das “práticas” do aconselhamento, da educação, da missão e assim sucessivamente. A comunidade

da Igreja é mais que sua ação. A comunidade da Igreja, ou a vida da solidariedade da Igreja, é a *koinonia*. Nesse sentido, o objeto da teologia prática não é exclusivamente a ação da Igreja, mas sua vida. A *koinonia* da Igreja. A vida da comunidade da Igreja envolve receber, ser e agir (DESCHNER, 1981), aspectos que são inseparáveis. John Deschner (1981, p. 11) entende esses três aspectos em termos da adoração, da solidariedade e do serviço: “A teologia prática tem a ver com a vida inteira da congregação – a adoração, a solidariedade e o serviço”.

Essa é uma ideia intrigante que está relacionada intimamente ao conceito de Gadamer (1989) de que o entendimento humano é um diálogo. O entendimento humano é sempre contextualizado. Começamos com nossos *fore-concepts* que têm suas fontes em nossa experiência, testamos nossas experiências contra a informação nova e formulamos novas ideias ou entendimentos. Isso é bem parecido com receber, ser e agir.

A vida da comunidade da Igreja pode, num certo sentido, começar com a experiência, ou o contexto do divino, mas isso acontece em um mundo secular. A Igreja existe em relação a Deus e ao mundo. O ministério da Igreja é influenciado, ou condicionado, por contextos culturais. Segundo Gadamer (1989), a Igreja, os indivíduos e as instituições entram com *fore-concepts* da experiência do divino, testam essas experiências em contextos culturais e avaliam essas novas ideias e experiências à luz dos *fore-concepts* originais. Esse processo pode resultar num fortalecimento dos *fore-concepts* originais ou em novas interpretações.

Essa ideia é importante à luz da variedade enorme de contextos culturais. Há contextos norte-americanos, latino-americanos, asiáticos e assim sucessivamente. Há contextos ricos e pobres. Há contextos de pessoas que estão casadas, não casadas e divorciadas. Há contextos heterossexuais e homossexuais. A pergunta atual não é se a Igreja deveria tratar de cada um desses contextos. Onde há os seres humanos, a Igreja tem uma missão para ministrar a eles. Isso é axiomático. A questão é: “Qual é o objeto da teologia prática?”

A ideia central é que a Igreja não está isolada. Por isso, uma das tarefas fundamentais da teologia prática é trazer o elemento da revelação, o divino, para diálogo com os desafios presentes em contextos culturais diferentes. A teologia prática tem que reconhecer a tensão que existe entre o contexto divino

e os contextos vividos. Enquanto os elementos fundamentais da solidariedade, da adoração e do serviço continuam, estes acontecem dentro de uma miríade de contextos. A vida da Igreja envolve escutar, respeitar e entrar em diálogo com as realidades divinas e culturais. Essa realidade também levanta a pergunta sobre a possibilidade de separar as realidades divinas e culturais, mas essa pergunta está fora do alcance desta discussão.

Neste momento, vale levantar uma série de perguntas:

- Por que prestar tanta atenção aos contextos culturais?
- Por que não proclamar, sem outras preocupações, o Evangelho?

Temos nossos textos e tradições sagrados. Temos nossas convicções e credos fundamentais. A missão da Igreja é proclamar o Evangelho.

- Por que não gastar mais tempo com o divino do que com o cultural?
- Por que não gastar mais tempo proclamando o absoluto do que prestar atenção ao relativo?

Outro modo de levantar essas perguntas é: “Por que não separar o sagrado do profano?”. Podemos responder a essa pergunta com base no pensamento de Gadamer (1989): todo o conhecimento humano acontece em diálogo. Não podemos separar o sagrado do profano. Não podemos separar o Cristo da cultura.

Outra resposta é que Deus ama contextos seculares e comunidades de crentes. A Igreja é “o povo de Deus”, mas esses mundos também são “o povo de Deus”. Qualquer visão do mundo secular que ignora ou rejeita essa verdade básica é superficial e viola o espírito do cristianismo. Por isso, quando falarmos da vida da Igreja em contexto, temos que reconhecer sua realidade divina e cultural, no mesmo momento. Outro modo de dizer isso é que a Igreja fica situada em um contexto só, a criação, mas, dentro desse contexto, Deus fala em duas vozes. A voz da cultura e a voz do transcendente.

Uma questão fundamental à teologia prática é: “Que método é adequado para essa tarefa?”. Como apresentado na primeira seção, David Tracy (2006) vê a teologia como um diálogo mutuamente crítico entre interpretações da mensagem cristã e interpretações de experiências e práticas culturais contemporâneas. Em outras palavras, a teologia cristã é um diálogo

crítico entre as perguntas implícitas e as respostas explícitas do cristianismo e as perguntas explícitas e as respostas implícitas de experiências e práticas culturais contemporâneas. Em vez de a cultura moderna levantar as perguntas e a teologia prover as respostas, como em Paul Tillich (2000), Tracy (2006) reconhece que a cultura e a teologia fazem perguntas e oferecem respostas. Isso exige um diálogo crítico entre a cultura e a teologia.

Esse método pode evitar os extremos da teologia prática dedutiva ou indutiva. A teologia dedutiva começa com os princípios eclesiológicos e os aplica a situações ou contextos práticos. A teologia indutiva começa com o contexto cultural, colocando a situação imediata num papel central, para mudar a ação da Igreja. Esse é o modelo mais usado pelas teologias da libertação. Em diversas teologias da libertação, a situação da pobreza financeira provê o ponto de partida da reflexão teológica. A tarefa é usar a análise estrutural para clarificar a situação de opressão e aprofundar essas perspectivas por meio da sabedoria do Evangelho. O objeto desta análise e reflexão é ajudar a Igreja a agir de modos mais efetivos e fiéis.

O modelo que está sendo desenvolvido neste ensaio busca combinar os elementos da teologia dedutiva e indutiva. A teologia prática, como entendido aqui, reconhece o lugar central da “mente de Cristo” ou da “vida em abundância” como fundamental. Esse modelo também reconhece que essa “visão do mundo” ou “a mente de Cristo” fica sempre situada em contextos específicos. As duas perspectivas, indutiva e dedutiva, têm que entrar no diálogo que guia a teologia prática.

4. TEMAS CENTRAIS E METAS NA TEOLOGIA PRÁTICA

Um dos objetivos desta discussão é ilustrar a complexidade da teologia prática. Não existe nenhum consenso, histórico ou atual, em termos de uma “definição” da teologia prática. Porém, existem temas compartilhados. No meio dessa diversidade de perspectivas, é possível identificar três preocupações compartilhadas que permeiam a teologia prática (GADAMER, 1989; GRIMES, 1977; MADDOX, 1990; HABERMAS, 1979; HESS, 1997; MOORE, 1995). A primeira refere-se ao

fato de que a reflexão teológica deveria ser focalizada na experiência e ação concreta. A segunda indica que a reflexão teológica deveria ajudar a entender a experiência e guiar a ação. A terceira aponta que os modelos teológicos deveriam ser influenciados pela experiência e por ações concretas.

Para clarificar esses temas compartilhados, temos que examinar algumas definições recentes da teologia prática. A perspectiva básica que tem guiado esta discussão, até este momento, é que a teologia prática é a interpretação da, ou reflexão crítica na, mensagem Cristã em ação e na vida total da Igreja. Essa definição identifica vários temas fundamentais: 1. a interpretação e reflexão críticas; 2. a mensagem cristã em ação; e 3. a vida da Igreja. Essa definição entende a teologia prática como começando e terminando com a vida e a ação da Igreja no meio de culturas.

Outra definição da teologia prática indica que ela é “a avaliação crítica da vida da Igreja com base nas Boas-Novas do amor de Deus reveladas em Jesus Cristo e pelo uso das ‘artes e ciências humanas’ para dar forma e estruturar a prática atual” (SCHLEIERMACHER, 1999, p. 35). Essa definição indica a relação íntima entre a teologia e as “artes e ciências humanas”. Também sugere que a ação da Igreja seja o começo e o término da reflexão teológica prática.

Uma definição semelhante é oferecida por John Deschner (1981, p. 5), que descreve a teologia prática como “o estudo de como o Evangelho é interpretado em ação – visível, institucional e verbal”. Deschner (1981 apud BROWNING, 1987, p. 80) também oferece uma versão mais completa, e complexa, dessa definição:

A teologia prática é a reflexão autocrítica e projeção da Igreja em termos de como ela se entende, manifesta, ordena e integra a vida contemporânea da congregação de adoração, solidariedade e serviço no contexto local do povo de Deus.

Essa definição mais complexa continua enfatizando os mesmos temas. Especificamente, a teologia prática examina a relação entre a Igreja e seus contextos vividos. Essa definição também estabelece que a teologia prática começa e termina com a vida e a ação da Igreja.

Don Browning (1991) oferece uma definição mais ampla da teologia prática: “[deveria ser] crítica, pública e focalizada

em éticas teológicas”. Browning (1991) entende que a palavra “crítica” significa que a teologia prática deveria buscar “entendimentos e razões, especialmente para sua ação prática”. Isso significa que a teologia prática deveria ser pública no sentido de relacionar a mensagem cristã à Igreja e à vida pública. Por conseguinte, a teologia prática deveria incluir a Igreja e a cultura. Inerente a essa perspectiva é que a teologia prática não começa e termina com a vida e as ações da Igreja. Essa teologia também deve ser pública, o que manifesta a influência de David Tracy e o método de correlação revisada.

Carol Lakey Hess (1997, p. 19) amplia a necessidade de diálogo crítico, mas acrescenta o elemento de libertação. Em seu modelo, Hess (1997) identifica a necessidade de dialogar com as pessoas, comunidades e instituições que estão nas margens da sociedade. Esse autor reconhece a necessidade de prestar atenção aos excluídos, mas, ao mesmo tempo, não permite que a situação social limite ou defina a teologia prática. Essa perspectiva se encaixa bem com os entendimentos diversos da teologia prática já apresentados. Todavia, de acordo com Hess (1997), prestar atenção às pessoas, comunidades e instituições que estão na periferia da sociedade requer dois acréscimos importantes. Primeiro, o contexto social de todos os participantes do diálogo deve ser levado em conta. Trata-se de uma extensão da ideia de Gadamer (1989) de reconhecer, ou identificar, nossos *fore-concepts*, mas exige que analisemos esses contextos em termos do poder social. Segundo, a questão da libertação, a análise de atos e as estruturas opressivos para melhorar as ações da Igreja e da cultura têm que se tornar o principal foco da teologia prática. A teologia nunca é neutra em termos de valores. Por isso, a teologia prática tem que identificar os valores implícitos e explícitos ou normas que influenciam sua visão da “mente de Cristo”. Com base nesse argumento, a libertação deve ser um valor ou norma central.

5. UMA DESCRIÇÃO DA TEOLOGIA PRÁTICA

Em suma, esta discussão apontou os quatro temas que guiam a teologia prática. Primeiro, a essa teologia está relacionada ao autocriticismo disciplinado da vida inteira, inclusive

da ação da Igreja. Segundo, ela está relacionada à crítica disciplinada de culturas. Terceiro, busca estabelecer um diálogo vivo entre a Igreja e as culturas. Quarto, a meta desse diálogo é criticar as perguntas e as respostas oferecidas pela Igreja e pelas culturas a fim de formar a “mente de Cristo” e transformar o mundo. Essa “formação ou atualização da visão cristã do mundo” não significa a conversão do mundo ao cristianismo, como entendido tradicionalmente. Dentro da Igreja cristã, a “formação da visão do mundo cristão” significa a interpretação e comunicação das verdades dos textos cristãos no meio das realidades de culturas e como essas verdades podem ser expressas em ação. Isso significa comunicar as perguntas e as respostas oferecidas pela Igreja de modo que desafiem as perguntas e as respostas oferecidas pelas culturas. Esse processo será discutido em mais detalhe na seção seguinte.

Em vez de tentarmos oferecer uma definição sintética da teologia prática, é mais útil descrevermos seus objetivos básicos. Um objetivo da teologia prática é guiar a vida da Igreja, o que inclui o desejo de reformar a eclesiologia, mas envolve muito mais que isso. Guiar a vida da Igreja significa uma avaliação crítica da vida e ação da Igreja, com base nas Boas-Novas do amor de Deus em Jesus Cristo, no Evangelho e no uso das “artes e ciências humanas”. Um segundo objetivo é oferecer uma visão integrada das disciplinas práticas de ministério, o que envolve reforçar as várias especialidades de ministério (a missão, o aconselhamento, a educação, a liturgia e assim sucessivamente) dentro de uma visão unificada da vida e ação da Igreja. Um terceiro objetivo é construir teologias em relação ao contexto social, o que poderia ser denominado desenvolvimento de teologias locais. Trata-se de aprender a relacionar a teologia aos contextos sociais diversos, de modo que estes reconheçam as necessidades e realidades específicas e proponham ações pertinentes e específicas. Um quarto objetivo é contribuir para a análise social e conversação pública crítica. Esse objetivo trata de analisar as realidades sociais e responder a elas em um contexto público e para propósitos públicos. A teologia prática busca contribuir para o bem comum, o que deve ser feito por meio de diálogos com cientistas sociais, líderes políticos e outras tradições religiosas, a fim de lidar com os problemas sociais atuais. Um quinto objetivo é contribuir com a sabedoria prática para a tarefa teológica. Isso significa

entender a teologia como uma disciplina integrada, em que todas as partes contribuem para vida do todo. Por exemplo, a experiência e ação humanas informam e revisam a teologia sistemática, e a teologia sistemática informa e revisa a ação humana. Finalmente, um sexto objetivo é contribuir para transformação social. Uma motivação fundamental da teologia prática é a libertação ou transformação do mundo. Por causa desse motivo, as teologias prática e da libertação são difíceis de separar. As duas analisam criticamente a ação com o objetivo de transformar a Igreja e o mundo. As diferenças entre as duas disciplinas são, na maior parte, metodológicas.

Para concluir, é importante destacar que nem todos os teólogos práticos dão ênfase igual a cada um desses objetivos. A teologia prática é diversa. Contudo, esses temas ou objetivos identificam as preocupações centrais nessa diversidade. Como já notado, no meio dessa diversidade de objetivos, há três ideias que unem a teologia prática: 1. a reflexão teológica deveria focalizar a experiência e ação concretas; 2. a reflexão teológica deveria ajudar a entender a experiência e guiar a ação; e 3. os modelos teológicos deveriam ser influenciados pela experiência e ação concreta. Como esses objetivos e essas ideias são atualizados no mundo real será o tópico da próxima seção.

6. A TEOLOGIA PRÁTICA E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI

A tarefa desta seção não é apresentar uma lista detalhada de todos os desafios do século XXI e como a teologia prática pode contribuir para encarar essas realidades. Problemas presentes continuarão no século XXI, e, sem dúvida, o futuro oferecerá novos desafios. Pobreza, guerra, violência, opressão em formas diversas, superpopulação, instabilidade política, implicações de tecnologias novas e atuais, fome, fundamentalismo e fanatismo, racismo, sexismo e muitos outros problemas continuarão a desafiar a comunidade humana. A pergunta atual é metodológica: “Que ferramentas ou métodos pode a teologia prática trazer à procura de soluções aos problemas que nos confrontam hoje e continuarão a nos desafiar amanhã?”. Como já notado, a teologia prática destaca a experiência e a

ação concretas para ajudar a entender a experiência, construir modelos teológicos e guiar a ação. A teologia prática quase sempre é teologia localizada. Isso significa que a teologia prática é feita dentro de contextos e comunidades concretos e dirigida a eles. Ao mesmo tempo, a teologia prática deve estar ciente de sua função normativa. Por essa razão, ela encara o desafio de ser tanto global quanto concreta. Ser global significa relevância para a comunidade humana. Ser concreto significa relevância para as situações específicas. Essa consciência dupla reflete a realidade de que o contexto social sempre influencia a teologia. Essa preocupação com a experiência prática e a relevância global pode ser vista nas teologias prática, da libertação, feminista e política. Cada um desses meios de fazer teologia é distinto, mas todos compartilham as metas amplas da libertação ou emancipação, reflexão crítica e ação.

Há muitos meios de “fazer” a teologia prática. Entretanto, a pergunta imediata é sobre o método. O método fundamental é uma ação-reflexão – ação-modelo. Trata-se de uma das visões compartilhadas em todas as teologias da libertação. Mais especificamente, a teologia prática começa com a experiência, move-se para a análise e procura oferecer diretrizes para a ação. Há cinco passos básicos nesse modelo.

O primeiro passo é descrever a experiência como vivida, entendida e interpretada numa comunidade. O que está acontecendo? Como a comunidade experimenta o evento ou o processo? O segundo passo é a análise empírica, o que envolve uma identificação das motivações e ações que estão acontecendo. Isso significa a aplicação das ciências sociais para analisar a situação. A sociologia, a psicologia, a economia, a teoria política, a pedagogia e outras ciências sociais são usadas como meios de melhor entender a situação ou a experiência. Uma parte dessa análise é identificar o *fore-concept* presente na situação. O terceiro passo é a análise teológica. Quais são os conteúdos teológicos, significados ou implicações encaixados ou expressos na experiência? O que significa essa experiência em termos da relação entre Deus, seres humanos e o mundo? O quarto passo é interpretação. À luz da descrição e análise da experiência, o que está acontecendo? O que significa essa experiência para as pessoas envolvidas? O que significa essa experiência para a comunidade humana maior? O passo final é propor ação. À luz da descrição, da análise e da interpretação, como devemos agir?

A descrição, a análise e a interpretação sugerem quais ações? Qual é a preocupação comum? Onde está a sabedoria prática necessária para responder mais adequadamente à situação? O que é o bem comum?

A expressão “bem comum” é crucial para a teologia prática. Conceitos como razão prática, sabedoria prática, *phronesis*, prática, práxis, justiça, consenso, diálogo, conversa e comunicação são crescentemente usados no discurso teológico. São temas centrais nas tarefas teológicas. Esse interesse indica uma necessidade profunda de achar meios para tomar decisões funcionais e viáveis sobre o bem e a vida em comum e entender o “porquê” atrás dessas ações.

Em meio à transição do modernismo ao pós-modernismo, a esperança da comunidade e a vida compartilhada foram, em grande parte, perdidas. Um dos resultados foi a perda de visões e meios de comunicação comuns. Essa perda não ocorreu só na cultura geral, mas também dentro da Igreja cristã. A tendência, na história recente, foi confiar ou no conhecimento técnico e teórico ou na fé e tradição cegas para resolver problemas. Nenhuma dessas abordagens foi bem-sucedida. Isso pode ter ocorrido por causa da falta de entendimento em termos de como razão, prática, tradição e conhecimento técnico podem funcionar juntos. A teologia prática, na tradição de muitas teologias da libertação, procura uma práxis compartilhada que pode nos capacitar a reconstruir ou transformar a tradição e aplicar o conhecimento técnico em meios que sirvam ao bem comum. Trata-se de um meio de entender a sabedoria prática.

A tradição da razão prática ou sabedoria prática tem suas origens no conceito *phronesis* de Aristóteles. Jesus usou a palavra *phronesis* no Sermão no Monte (Mateus 7:24). Nesse texto, o *phronesis* indica a ideia de sabedoria ou a pessoa sábia que escuta as palavras de Jesus e transforma sua vida. A sabedoria, nesse sentido, procura entender como viver e por que devemos viver de determinada maneira. A razão como *phronesis*, ou a sabedoria, é diferente da teoria ou razão teórica. A teoria procura o objetivo ou levanta a pergunta científica: “Qual é a natureza das coisas?”. A razão, como *phronesis*, também é diferente da razão técnica, ou *techne*, que pergunta: “Quais são os meios mais efetivos?”. O *phronesis* é fundamental à teologia prática.

A ideia do bem comum ou da sabedoria comum não é popular. A ênfase do pós-modernismo na desconstrução e demitologização parece negar a possibilidade do bem comum ou da sabedoria comum. Essa desconfiança tem duas fontes. A primeira é a incredulidade na existência de universais. A segunda é a desconfiança na capacidade da razão humana para resolver problemas. O problema de universais é relacionado à ideia de que, no meio da diversidade e complexidade da vida moderna, uma verdade pode aplicar-se a todas as pessoas, em todas as situações. O problema da razão está relacionado à complexidade e diversidade da vida moderna, à influência de sistemas em todo comportamento e ao poder de forças inconscientes na vida humana.

A ideia do *phronesis*, ou da sabedoria prática, procura sobrepular esses problemas por focalizar em situações vividas, reconhecer a função da teoria e do *techné*, e destacar a verdade de que cada pessoa está relacionada a uma história e a um mundo maior que influencia a ação. Enquanto os universais podem ou não existir, o *phronesis* procura identificar as verdades que emergem de pessoas, grupos e comunidades em situações vividas. Dessa maneira, a pergunta pode ser levantada: “Quais são as implicações das verdades dessa situação para a comunidade humana maior?”. Nesse sentido, a sabedoria prática – ou o bem comum – é entendida como encaixada na experiência e na história vividas. A sabedoria prática reconhece o tipo do relativismo que declara que cada ação é relacionada a uma situação e a uma história mais profunda. A sabedoria prática, entretanto, evita o relativismo que declara que todas as interpretações e ações são iguais.

Como isso é possível? As metodologias ou atitudes-chave já apresentadas são fundamentais ao desenvolvimento da sabedoria prática. Primeiro, no pensamento do Hans-Georg Gadamer (1989), o entendimento ou a sabedoria prática só podem emergir do diálogo ou da conversa em que identificamos e usamos nossas perspectivas, nossos preconceitos e nossas crenças. Em contraste a abordagens tradicionais em que devemos remover todos os nossos preconceitos ou julgamentos, precisamos usá-los de maneira positiva. Isso não significa que nossos julgamentos ou *fore-concepts* devem dominar nosso entendimento da realidade. Aprendemos ou entendemos por positivamente contrastar o que já “sabemos”

ou aquilo em que “acreditamos” com o que estamos experimentando e com os “prejulgamentos” de outros. Em outras palavras, entendimento é uma conversa ou um diálogo moral que é constantemente influenciado pelos interesses práticos e pelas crenças atuais de todos envolvidos. O entendimento, ou os hermenêuticos, é um processo moral e prático que emerge da experiência vivida.

Esse tipo de diálogo só é possível quando todas as pessoas envolvidas apresentam suas crenças, posições, necessidades e desejos que convidam ao diálogo genuíno. Ou, pelo menos, entram em diálogo com essa possibilidade. Essa é a ideia central do pensamento de Jürgen Habermas (1979), o qual acredita que toda a comunicação requer afirmações sobre a compreensão (percepção fatural), a verdade (coerência cognitiva), a verdade (coerência moral) e a retidão (autenticidade pessoal) do que é dito. Comunicar bem envolve a capacidade de avançar razões para nossas ações que fazem sentido para aqueles que não compartilham nossas ideias ou crenças. Entretanto, a comunicação não existe em vão. As metas da comunicação são a justiça e a tolerância. Sua abordagem destaca os elementos comuns na humanidade e a possibilidade de alcançar espaço comum por meio da comunicação. Mais uma vez, isso requer que todas as pessoas ou os grupos envolvidos identifiquem, expressem e critiquem seus *fore-concepts*, com a esperança de identificar entendimentos e experiências comuns. A comunicação irrestrita é fundamental ao processo de expandir entendimento mútuo, descobrir contextos comuns e sair do egocentrismo no serviço da justiça. Um pressuposto implícito, ou crença, é que a aplicação da razão pode sustentar a comunicação irrestrita. Esse *fore-concept* pode ser criticado. Entretanto, como qualquer ferramenta, ele tem que ser usado com conhecimento pleno de suas capacidades e limitações. Com o reconhecimento dessas limitações, a crença fundamental é que a razão, ao mínimo, oferece um ponto de partida na criação de diálogo (HABERMAS, 1979).

À luz dessas ideias, o conceito de diálogo deve ser reformulado. Frequentemente, o chamado diálogo é a apresentação de duas ou mais posições extremas. O diálogo, nesse contexto extremo, é frequentemente nada mais que dois monólogos acontecendo no mesmo espaço e tempo. A comunicação irrestrita requer a identificação crítica de *fore-concepts* de modo a

incentivar o debate e a discussão genuína no serviço da justiça, o que não significa que estar aberto às ideias e interpretações de outras pessoas e grupos resultará, imediatamente, no diálogo genuíno. Na maioria das situações, o resultado imediato será o conflito intenso. As ideologias não desaparecerão. A esperança é que, no processo de identificar, comunicar e criticar nossas ideologias, e nos sistemas de crenças subjacentes que eles representam, podemos definir as necessidades comuns que servirão como pontes. Por isso, a comunicação irrestrita e crítica é uma parte fundamental da busca pela sabedoria prática.

Como a teologia prática pode incentivar ou atualizar tal comunicação irrestrita? Em suma, o método fundamental usado pela teologia prática é o seguinte: 1. a descrição da experiência; 2. a análise empírica; 3. a análise teológica; 4. a interpretação; e 5. as propostas para a ação. A discussão apresentada nas primeiras duas seções deste ensaio reflete a complexidade desse processo ou método como aplicado em muitas maneiras diferentes, dirigido às experiências diversas e ao serviço de metas diferentes. Entretanto, um desejo fundamental é a criação do diálogo crítico ao serviço da sabedoria prática e da justiça. Os quatro temas que guiam a teologia prática personificam esse processo: 1. a autocrítica disciplinada da vida inteira, incluindo a ação da Igreja; e 2. a crítica das perguntas e respostas oferecidas pela Igreja e pelas culturas para formar a “mente de Cristo” e transformar o mundo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teologia prática oferece a possibilidade de criar pontes entre diferentes perspectivas dentro da Igreja e entre a Igreja e a cultura. Entretanto, a teologia prática oferece mais que um espaço para o diálogo entre perspectivas diferentes. Seu propósito original era formar a mente de Cristo. Por essa razão, a teologia prática oferece mais que uma zona neutra onde as opiniões diversas podem ser formuladas, expressas e criticadas. Esse diálogo crítico é fundamental, mas não é um fim em si mesmo. A meta da teologia prática é descrever, analisar, interpretar e propor ação com a meta de contribuir para a vinda do Reino de Deus ou para a formação da mente de Cristo. Enquanto esses dois conceitos têm muitas interpretações que

frequentemente entram em conflito, eles continuam a ser valiosos porque indicam metas e crenças, ou metáforas, compartilhadas pela comunidade cristã. Trata-se de símbolos fundamentais que formam e expressam ideais e esperanças. Alguns teólogos práticos rejeitam esses conceitos por causa de seus conteúdos e suas implicações sexistas e cognitivos. No entanto, a esperança e a sabedoria comuns que essas expressões representam não são rejeitadas. A pergunta central é: “Como atualizar a fé, a esperança, o amor, a justiça, o respeito, a comunidade e a integridade que existem atrás, dentro e além dessas imagens?”. A melhor maneira de fazer isso é pela reflexão da experiência vivida. O que significa o Reino de Deus e a mente de Cristo no mundo de hoje e no século XXI? Que formas tomam? Como foram pervertidos para servir e satisfazer as necessidades egocêntricas? Que ações melhor expressam suas intenções subjacentes? Como podem ser atualizados de modo que respeitem a diversidade, promovam a tolerância e sirvam à justiça? A teologia prática levanta essas e outras perguntas não só no contexto e na linguagem da fé cristã, mas também nas culturas. As metas e os métodos da teologia prática procuram responder a essas e muitas outras perguntas por meio do diálogo crítico a serviço da sabedoria prática. A teologia prática não é “superstição sistematicamente articulada que é prática” nem teologia sistemática aplicada. Trata-se de um campo distinto da teologia que é crescentemente bem definido em relação às teologias sistemática, histórica e bíblica. Contribuiu significativamente para enfrentar os desafios do século XX e continuará a fazer isso no XXI.

Um dos objetivos desta discussão é ilustrar a complexidade da teologia prática. Não existe nenhum consenso, histórico ou atual, em termos de uma “definição” da teologia prática. Porém, existem temas compartilhados. No meio dessa diversidade de perspectivas, é possível identificar três preocupações compartilhadas que permeiam a teologia prática (MOORE, 1995, p. 2).

A primeira refere-se ao fato de que a reflexão teológica deveria ser focalizada na experiência e ação concretas. De acordo com a segunda, a reflexão teológica deveria ajudar a entender a experiência e guiar a ação. A terceira indica que os modelos teológicos deveriam ser influenciados pela experiência e ação concretas.

PRACTICAL THEOLOGY: PAST AND CURRENT IDENTITY

ABSTRACT

This text deals with the identity of Practical Theology. The fundamental question deals with the identity of Practical Theology in relation to Biblical and Systematic Theology. The central theme is the identity of Practical Theology in relation to these classical, or traditional, disciplines. The basic argument is that Practical Theology has its own identity in historical and modern contexts.

KEYWORDS

Practical theology; traditional; disciplines; relation to biblical; systematic theology.

REFERÊNCIAS

BARTH, K. *Church dogmatics*. Suíça, 1979.

BROWNING, D. Practical theology and religious education. In: MUDGE, L. S.; POLING, J. N. (Ed.). *Formation and reflection*. Philadelphia: Fortress, 1987.

———. *A fundamental practical theology*. New York: Publishing Co, 1991.

DESCHNER, J. Preface to practical theology. In: UNITED THEOLOGICAL SEMINARY, 1981.

GADAMER, H.-G. *Truth and method*. Translation J. Weinsheimer and D. G. Marshall. 2. ed. New York: Crossroad, 1989.

GRIMES, H. What is practical theology. *Perkins Journal*, v. 30, n. 30, p. 115-180, Spring 1977.

HABERMAS, J. *Communication and the evolution of society*. Translation T. McCarthy. Boston: Beacon, 1979.

HESS, C. L. *Conversation and midwifery: a feminist approach to practical theology*. New York: International Academy of Practical Theology, June 1997. Unpublished manuscript.

MADDOX, R. Recovering theology as a practical discipline: a contemporary agenda. *Theological Studies*, v. 51, n. 28, p. 50-65, 1990.

———. *Spirituality and practical theology: trajectories toward engagement*. New York: Philadelphia Edition, 1998.

MOORE, M. E. *The aims of practical theology: diversity in the United States*. Claremont, CA: The School of Theology at Claremont, July 1995. Unpublished manuscript.

SCHLEIERMACHER, F. *The Christian faith*. Edinburgh: T&T Clark, 1999.

TILLHICH, P. *História do pensamento cristão*. São Paulo: ASTE, 2000.

TRACY, D. *A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. Porto Alegre: Unisinos, 2006.